



# **A N A I S**

**do I Simpósio de Professôres de  
História do Ensino Superior em 1961**

**MARÍLIA  
1962**

**I SIMPÓSIO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA  
DO ENSINO SUPERIOR**

**(15 A 20 DE OUTUBRO DE 1961)**

Promovido pela Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Marília, instituto  
isolado de ensino superior do Govêrno  
do Estado de São Paulo.

**MARÍLIA**  
**1962**

## 1. RELATÓRIO DO TEMA

A Comissão Organizadora deste Simpósio houve por bem definir o problema atribuído à equipe de História do Brasil e da América em termos do “Ensino tradicional e Renovação”. A equipe (1) sugeriu ao relator, como definição do problema, o apêlo no sentido de que, no ensino da História do Brasil e da América, nas Faculdades de Filosofia, deve-se dar preferência à História da Cultura e não propriamente à História Política, à História Administrativa, à História Biográfica etc., etc. A colocação do problema nestes termos não é ocasional, mas profundamente significativa da fase atual do desenvolvimento da historiografia. Na base daquele apêlo está o fato do advento da História como ciência: uma ciência que encontramos no momento atual, não na sua plenitude, mas ainda na infância. Um corpo de conhecimentos que está apenas transpondo sua fase empírica — a fase do relato, do arrolamento dos fatos registrados — e que acaba de chegar ao campo do conhecimento racional. Portanto, um corpo de conhecimentos “ainda muito jovem como empresa raciocinada de análise”. É uma ciência que está refletindo as mudanças da atmosfera mental da nossa época, quando substitui o certo pelo infinitamente provável, o rigorosamente mensurável pela relatividade da medida, superando assim os critérios de exatidão rigorosa, os quais caracterizavam as ciências da natureza física no século XIX. O apêlo da equipe de História do Brasil e da América deste Simpósio é uma ressonância daquele que foi formulado pelos diretores dos

**Annales** em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre, o de colocar a História entre as outras ciências, fazer da História uma disciplina enquadrada nas conquistas intelectuais do nosso tempo (2).

O objeto da História deve ser, portanto, “o conhecimento, explicação e interpretação das sociedades humanas do passado, tomadas em sua totalidade” (3). “A realidade histórica”, escreve Gurvich, “é uma parte privilegiada da realidade social. é a coletividade prometeana; são os Nós, os grupos, as classes, as sociedades globais que tomam consciência delas próprias” (4). Essa nova conceituação implica em profundas repercussões no currículo das instituições de ensino superior que têm a responsabilidade de formar historiadores e professores de História. Para ilustrar a mudança de objeto, é bastante expressivo um exemplo que podemos tomar à história da Historiografia brasileira. Um mesmo fenômeno social, o bandeirismo paulista, vem sendo sucessivamente tratado pelos historiadores brasileiros, desde o século XVIII, até nossos dias. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, em sua Nobiliarquia Paulistana, fixou a tradição oral relativa ao bandeirismo paulista no último quartel do século XVIII, quando o fenômeno do bandeirismo paulista pertencia já ao passado e a capitania de São Paulo se encontrava em plena decadência (5). Em seguida, durante todo o século XIX e parte deste, há um esforço paciente e fecundo de catalogação, de arrolamento, de descrição dos feitos dos bandeirantes. Este trabalho culmina, em nossos dias, com a obra monumental de Afonso de E. Taunay que, em sua **História Geral das Bandeiras Paulistas**, condensou os resultados das mais importantes fontes primárias e secundárias publicadas até então sobre o bandeirismo (6). Ao longo do caminho que nos leva de Pedro Taques a Taunay, encontramos muitas dezenas de historiadores que divulgaram documentos, escreveram biografias, reconstruíram roteiros, descreveram acontecimentos relativos a áreas restritas e episódios restritos, dando cada um deles sua colaboração para a narrativa dos fatos da exploração e ocupação do solo brasileiro pelos bandeirantes. Tais são os trabalhos de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (7), de

Baltazar da Silva Lisboa (8), de Inácio Acioli de Cerqueira e Silva (9), de Braz da Costa Rubim (10), de Joaquim Felício dos Santos (11), de José Martins Pereira de Alencastre (12), de Luís Antônio da Silva e Souza (13), de Orville Derby (14), de Diogo de Vasconcelos (15), de João Pandiá Calógeras (16), de Gentil de Assis Moura (17), de Francisco Borges de Barros (18), de J. Capistrano de Abreu (19) e de muitos e muitos outros. Desde o começo do século XX, mas sobretudo depois do primeiro quartel do século, os historiadores brasileiros se inclinaram a tentar a compreensão do movimento das bandeiras em sua unidade, como uma expressão da coletividade bandeirante — a sociedade paulista dos séculos XVII-XVIII. Voltaram, então, seu interesse, no sentido do conhecimento da natureza do fenômeno, dos seus condicionamentos ao meio físico, biológico e social, da sua amplitude, não simplesmente no plano geográfico, mas também no plano cultural e da formação econômico social brasileira. Entre estes trabalhos estão os de Oliveira Viana (20), de Alfredo Ellis Junior (21), de Alcântara Machado de Oliveira (22), de Benedito Bastos Barreto (23), de Sérgio Buarque de Hollanda (24), de Jaime Cortesão (25).

A preferência que se tem dado no presente aos estudos de História Econômica e Social é um fenômeno de civilização. O que assegura sua unidade essencial é o homem médio, entendido como o representante de um grupo social mais ou menos vasto, de seu regime econômico, de seu estatuto jurídico, de seus hábitos mentais. Por essa razão é a realidade banal e quotidiana que assume interesse excepcional, embora nem sempre pareceu digna de ser registrada (26).

Ora, a unidade essencial com que procuramos reconstruir as sociedades passadas, implica num alargamento considerável do campo da indagação dos historiadores. Em primeiro lugar estão os textos escritos. História se faz com documentos escritos. O texto escrito permanece fundamental e, neste sentido, há imensa tarefa a ser realizada no Brasil, com referência à organização e divulgação dos arquivos públicos e eclesiásticos, da transferência para o domínio público dos arquivos particulares ou, pelo menos, de sua franquia aos estudiosos interes-

sados. Contudo, além da documentação escrita, uma diversidade de elementos outros registram a presença do homem— a língua, os objetos, a paisagem, os edifícios, as plantas, os animais, as áreas cultivadas e tantos outros. Todos êles constituem material para o historiador (27). Dêste modo, os historiadores reconhecem que a sua ciência é essencialmente incompleta e procuram estabelecer suas conexões no ambiente mais largo das outras ciências do homem.

Não vamos nos ocupar aqui das matérias complementares da História, assunto de outro grupo de trabalho dêste Simpósio. Julgamos, entretanto, desde que nos preocupa o problema da renovação do ensino, indispensável lembrar a importância de algumas ciências que são de interesse especial para a formação de especialistas em História do Brasil e da América, que são capítulos da História Moderna e Contemporânea. “O que lia Lucien Febvre?”, pergunta Charles Morazé, para responder com a enumeração de algumas publicações e autores, pertencentes a outros ramos das ciências sociais, e não estritamente à História: a **Revue de Synthèse**, a **Anthropologie**, os **Annales de Géographie**, o **Année Sociologique**, os trabalhos de Vidal de la Blache, de Durkheim, de Camille Jullian, de Rauh etc. (28). Poderíamos repetir a pergunta em relação a Afonso de E. Taunay, sem dúvida um dos grandes historiadores brasileiros, cuja formação intelectual se prende à tradição do século XIX. Sobre sua mesa de trabalho encontravam-se coletâneas de documentos, obras de cronistas e de historiadores, muitos exemplares das revistas dos Institutos Históricos do país, principalmente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Dois historiadores, duas épocas na História da Historiografia: a História puramente narrativa (*histoire événementielle* ou *histoire historisante*) e a reflexão histórica alargada e aprofundada com o concurso de outras ciências.

O reconhecimento da amplitude tomada pelas pesquisas econômico-sociais tornou indispensável o recurso às análises quantitativas. A Estatística, que se expandiu no século XVIII e aperfeiçoou os seus métodos no século XIX, tem especial importância para a interpretação dos fenômenos mensuráveis.

Muito importante, também, o aparelhamento conceitual que nos é fornecido pela Sociologia, pela Antropologia, pela Economia. O enorme desenvolvimento da teoria econômica nêstes últimos vinte anos tem levado a uma aproximação cada vez maior entre economistas e historiadores (29).

Outro problema sugerido pelo grupo de trabalho é o da História Comparada. Se a História é a mais difícil de tôdas as ciências, na afirmação tão repetida de Fustel de Coulanges, nenhum ramo talvez mais difícil, em nossa opinião, que a História Comparada. Isso porque ela deve se propor, antes de mais nada, a verificar previamente quais são os dados comparáveis quando se pretende aproximar a História de áreas diferenciadas no tempo ou no espaço. Na crítica à obra de Toynbee (**A study of History**), Henri-Irenée Marrou pergunta se tem sentido colocar em paralelo a história de vinte e uma civilizações, sem a comparação das essências tomadas em sua realidade total, mas simplesmente sublinhando as analogias parciais que são postas em evidência graças ao ponto de vista momentâneo adotado pelo observador. Além disso, continua êle, admitindo Toynbee que “uma civilização é alguma coisa como um organismo que nasce, cresce, declina e morre”, pode-se indagar sôbre o direito de construir todo um sistema sôbre esta assimilação rápida da História às categorias da biologia (30). Os trabalhos de análise quantitativa, nos quais têm se salientado os economistas americanos, podem se mostrar fecundos quando aplicados a problema de História Comparada, graças à construção de esquemas comparáveis, com dados susceptíveis de medida e de análise estatística.

Uma observação final para concluir: falamos em História, de um modo geral. Não nos parece que haja um método específico da História do Brasil ou da História da América, mas o método histórico, o método da ciência histórica.

Quanto ao problema já abordado de fazer da cadeira de História do Brasil o centro dos cursos de História, somos de opinião contrária. Cada fase da História tem uma individualidade própria. A História do Brasil e da América devem ser colocadas no quadro da História do mundo. Não se pode compreender a História do Brasil sem o conhecimento de seu con-

texto geral, convencionalmente chamado História Moderna e Contemporânea, e dos seus antecedentes, que se prendem à História Antiga e Medieval. Além disso, não vemos razão por que as cadeiras de História Moderna e Contemporânea das Faculdades de Filosofia, no Brasil, não possam se transformar em centros ativos de História de quaisquer partes do mundo, e projetar os trabalhos dos historiadores brasileiros muito além de suas fronteiras nacionais.

- (1) — A sugestão partiu da Sra. Profa. Cecília Maria Westphalen e recebeu apóio unânime dos demais membros da equipe de História do Brasil e de História da América.
- (2) — *Annales de Histoire Économique et Sociale*, vol. I, 1929.
- (3) — Febvre, L. — *Combats pour l'histoire*.
- (4) — Gurvitch, G. — "La crise de l'explication en Sociologie", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. 21, 1956.
- (5) — Nobiliarchia paulistana; genealogia das principais famílias de São Paulo.
- (6) — História Geral das Bandeiras Paulistas, 1924-1945.
- (7) — Memórias históricas da província do Rio de Janeiro, 1820-22.
- (8) — Anais do Rio de Janeiro, 1834-35.
- (9) — Memórias históricas e políticas da província da Bahia, 1835.
- (10) — Memórias históricas e documentadas da província do Espírito Santo, 1851.
- (11) — Memórias do distrito diamantino, 1862.
- (12) — Anais da Província de Goiás, 1864.
- (13) — Memórias sobre o descobrimento, governo, população e coisas mais notáveis da capitania de Goiás, 1872.
- (14) — Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais, 1901.
- (15) — História antiga de Minas Gerais, 1904; História média de Minas Gerais, 1918.
- (16) — As minas do Brasil e sua legislação, 1904.
- (17) — As bandeiras paulistas. Estabelecimento das diretrizes gerais que obedeceram e estudo das zonas que alcançaram, 1914.
- (18) — Bandeirantes e sertanistas baianos, 1920.
- (19) — Caminhos antigos e povoamento do Brasil, 1930.
- (20) — Populações meridionais do Brasil, 1904.
- (21) — Raça de gigantes, 1926.
- (22) — Vida e morte do bandeirante, 1929.
- (23) — No tempo dos bandeirantes, 1940.
- (24) — Monções, 1945.
- (25) — Raposo Tavares, 1958.
- (26) — Guichonnet, Paul — "Le Xe. Congrès International des Sciences Historiques (4-11 Septembre 1955)", *Information Historique*, Jan.-Fev., 1956, n.º 1. Wolff, Philippe — "L'étude des économies et des sociétés avant l'ère statistique", *L'Histoire et ses méthodes*, *Encyclopédie de la Pléiade*, Bruges, 1961.

- (27) — "D'un mot, tout ce qui, étant à l'homme, sert à l'homme, exprime l'homme, signifie la présence, l'activité, les goûts et les façons d'être de l'homme", Febvre, Lucien — *Combats pour l'histoire*, apud *Information Historique*.
- (28) — Morazé, Charles — "Lucien Febvre et l'histoire vivante", *Revue Historique*, T. CCXVII, fasc. 1, Jan.-Mars, 1957.
- (29) — Vide o volume XVII do *Journal of Economic History*.
- (30) — *Revue Historique*, vol. CCXVII.

**Alice Piffer Cannabrava**

da Faculdade de Ciências Econômicas e  
Administrativas da U.S.P.

## 2. EXPOSIÇÕES DE SIMPOSISTAS

### **Professor Hélio Viana**

Frisando, inicialmente, que suas observações dizem respeito a uma íntima parte do relatório, confessa o professor que não concorda em que Pedro Taques seja cronista das bandeiras; em que A. de Taunay seja, historiador do século XIX, argumenta com palavras da própria relatora. Taunay, iniciador do estudo da História do Brasil foi o primeiro que criticou o uso errôneo de métodos de historiografia típicos deste século, portanto não é um historiador do século XIX. É verdade que, numa primeira fase de atividade, deteve-se mais na análise do que na síntese. Mas estávamos na época da análise e não da síntese; depois, resumiu a História das Bandeiras de 11 volumes em 2 volumes; a História do Café de 15 vol. em 1 vol. Quanto ao destaque a dar à História do Brasil, acha que isso procede, não porque seja mais importante em si mas porque somos brasileiros. Menciona ainda que relacionar a História do Brasil com a da América não é novidade pois já foi feito desde Southey. Relacionamento com Portugal sempre houve e é necessário para o período colonial. É de opinião que há uma ajuda mútua entre a História do Brasil e as outras disciplinas que se interessam pelas questões brasileiras, como por exemplo, no caso da História do Brasil ajudar a Sociologia. Con-

cluindo opina que, se não conhecermos a nossa própria História somos candidatos ao suicídio nacional.

### **Professor Padre Emílio Silva**

São as idéias que governam o mundo, não a produção ou a economia.

As grandes forças que comandam todo o desenvolvimento do mundo ocidental são, a grosso modo: a Filosofia Grega, o Cristianismo, as Cruzadas, a Imprensa, o Descobrimento da América, a Companhia de Jesus, o Concílio de Trento, a Renascença, o Liberalismo, Kant e o Idealismo Germânico, a Revolução Francesa etc. Ora nenhuma dessas forças escapa do fator espiritual. E' pois exorbitada, a seu parecer, a opinião que atribui à economia o papel primordial no desenvolvimento da História.

Quer-lhe parecer que seria bom recomendar aos historiadores uma atenção maior e ênfase ao fator espiritual. Embora não seja para subestimar nunca o fator econômico, todavia, serão sempre mais fecundos e elucidativos a análise e cuidadoso estudo dos fatores ideológicos, que são sempre as linhas mestras, as idéias-forças, que comandam e nos explicam a formação e o ser da nacionalidade.

### **Professor J. R. do Amaral Lapa**

1. Para melhorar o estudo de História do Brasil propõe a criação de um curso de História Regional que figuraria dentro da especialização.

2. Concorda com o destaque do contributo das Ciências Sociais para a História, porém, continua, vamos merecer maior aprêço dos cientistas sociais com a condição de melhorarmos a nossa terminologia, precisarmos os nossos conceitos e cuidarmos de constituir uma bibliografia crítica.

### **Professor Francisco Iglésias**

Chama a atenção para a necessidade de estudar a História Contemporânea Brasileira, muito pouco conhecida. Sentimos a necessidade disso quando estrangeiros nos pedem informações

sobre questões recentes. O período republicano é praticamente desconhecido; além disso, com História Recente é possível maior motivação no ensino. Grandes críticas modernas mostram a importância do estudo dessa História Recente.

Pede depois a ligação dos estudos de História a outras disciplinas, especialmente a Economia, a Política e a Sociologia. Sem bom conhecimento das ciências sociais não há bom entendimento da seqüência da História. Por outro lado, afastando-nos dessas disciplinas corremos o risco de ver tratada a História Brasileira não por historiadores mas por especialistas naquelas matérias.

Os poderes públicos não têm dado atenção ao trabalho dos historiadores e isso cabe em parte aos próprios historiadores que se desligam das realidades atuais. Quando os historiadores se voltarem para a realidade em que vivem, êsse auxílio virá naturalmente.

### **Professor Guy de Holanda**

Ênfase deve ser dada ao estudo sobre o mundo moderno e contemporâneo no qual o Brasil deve ter primazia.

Sem querer emitir um julgamento de valor intrínseco em comparação com outras Histórias, acha que formar historiadores dentro da História do Brasil e da América é mais realizável economicamente e mais fácil por termos acesso aos próprios documentos. E também uma questão de prioridade de ordem prática, partimos daquilo que é nosso.

Passa então ao problema dos arquivos, problema importante. E' impressionante, afirma o professor, a destruição que os arquivos estão sofrendo ultimamente. E' necessário um apêlo, sobretudo às autoridades eclesiásticas, para salvar os arquivos paroquiais, importantes para o estudo da demografia anterior à proclamação da República.

Concorda com a ênfase dada à estatística pela relatora, mas considera mais importante ainda falar das matemáticas sociais em toda a sua amplitude. Faltando-nos ainda, acrescenta, bons estudos das idéias políticas e um contacto introdutório com a filosofia.

### **Professor Padre Júlio Lopes**

Considerando necessário equilibrar 2 correntes (uma que dá mais ênfase à formação dos professores e outra que insiste na formação de pesquisadores) sugere que se use o seminário ou exercícios para esse fim. Os seminários deveriam ser propostos e programados no começo do ano sob uma única direção. Publicados os programas, os alunos escolheriam entre os seminários os que desejassem seguir, cuidando os professores mais especialmente dos alunos melhor dotados para o trabalho histórico.

Concorda com a necessidade urgente de preservar os arquivos eclesiásticos no Brasil.

### **Professôra Olga Pantaleão**

Referindo-se ao que tinha dito numa reunião anterior, esclarece que a seu ver a denominação de Época Contemporânea deveria ser dada a um período mais próximo de nós, trazendo, conseqüentemente, também para mais perto de nós a denominação de época moderna. Isto porque uma matéria específica, como a História Contemporânea, traz consigo uma técnica de trabalho igualmente específica.

### **Professôra Cecília M. Westphalen**

Concorda com a relatora quando diz que o objeto do estudo da História deve ser o homem médio e não unicamente o homem excepcional (História da 2a.-feira oposta à História do domingo).

Insiste em que a História deve aproximar-se das outras ciências sociais não unicamente para buscar o auxílio que elas podem dar-lhe em resultados como também para usar os seus próprios métodos e técnicas. Para fundamentar suas afirmações, indica as críticas de Christopher Dawson a respeito da obra de A. J. Toynbee.

Indica a necessidade de se organizar um grupo de trabalho para a revisão da terminologia científica da História.

**Professor R. Román Blanco**

Concorda com a relatora em que a História do Brasil e a História da América não devem ser consideradas compartimentos estanques. Para evitar isso acha indispensável o estudo das Instituições Ibéricas. Como exemplo cita o caso das bandeiras. As bandeiras nunca foram instituição bélica, instituição de penetração ou de preia. A bandeira é a organização tática da “entrada”, esta sendo a verdadeira instituição, junto aliás com uma outra que chama “salteo”. Tem-se estudado a bandeira e não a instituição que ela configurava taticamente. Para resolver êsses problemas há só um meio, que é o conhecimento das instituições do outro lado do Atlântico, pois a América Espanhola e Portuguesa são apenas cópia dessas instituições.

A seu ver, para escrever a História, não adianta conhecer economia, estatística, etc., se o historiador não souber antes ler o próprio documento. Essa leitura exige um conhecimento de paleografia. Sem paleografia e sem documento não existe História.

**Professor Faria Alvim**

Distingue na historiografia no Brasil duas correntes: uma, acadêmica, com trabalhos produzidos por membros de Academias, etc., que dispõem de lazeres; outra, a nova, a universitária, que deve aos poucos sobressair, sem que seja necessário hostilizar a primeira. Insiste na necessidade de recursos financeiros para o desenvolvimento dos estudos históricos. Seria desejável tomar posição diante da futura reforma universitária, mas dentro das leis atuais já se pode fazer muita coisa. Manifesta-se contrário à portaria n.º 478 de 8 de Junho de 1954 do M.E.C. que permite a licenciados em Pedagogia e Ciências Sociais ensinar História no curso secundário. Deve-se apoiar a moção que vai ser encaminhada ao Ministro da Educação pedindo a revogação da portaria.

**Professor José Ernesto Ballstaedt**

Considera fundamental, especialmente para o professor de História da América, a documentação, único meio para superar

a falta de bibliografia e os pontos de vista nacionais e parciais sobre a História Americana. O estudo da História Social e Econômica é dificultado pela formação deficiente em História da América no curso secundário. Dever-se-ia ampliar o estudo da História da América no segundo ciclo do secundário. Seria útil organizar um estudo comparativo das Instituições Ibéricas e da América.

**Professor Eduardo d'Oliveira França**

Não concorda com a preocupação da relatora em enquadrar a História no grupo das ciências “verdadeiras”, para justificar sua existência.

A seu ver a História da América com seus problemas específicos não foi abordada pela relatora.

Importante, a seu ver, é a questão da posição da História do Brasil dentro da constelação das matérias a ensinar. Vê uma contradição entre a posição da profa. Alice Cannabrava como relatora e sua atuação como professora e historiadora.

Com efeito, em duas teses que escreveu, embora tratando de questões de História da América, o Brasil ocupou o centro do seu pensamento, ilustrando dessa maneira o que pode ser a contribuição brasileira à História da América e do mundo.

Não julga o expositor que a História do Brasil deva ser a única considerada (pois toda a História de qualquer tempo e de qualquer país pode ser feita aqui, contanto que a saibamos fazer) mas deve merecer prioridade.

**Professor Othelo Laurent**

Concorda com a relatora que se deva renovar o estudo da História da América e do Brasil para abrir horizontes novos a respeito do homem. Mas pergunta se a relatora indicou suficientemente o rumo para a renovação do ensino nas nossas Faculdades. Considera que os alunos que se iniciam nessas disciplinas tirarão pouco proveito das recomendações da relatora se o próprio ensino não for melhorado.

**Professôra Madre M. Angela**

O que importa para a expositora é o contacto com as fontes para criar algo de novo. Este contacto pode efetuar-se no âmbito regional, nacional ou outro, permanecendo sempre o mesmo método. Diferencia-se unicamente a apresentação das fontes. Em lugar de insistirmos sempre em “História do Brasil no plano mundial”, acha mais apropriado falar na projeção do historiador brasileiro. Para inserir a História do Brasil no contexto mundial, o melhor é fazermos boa História do Brasil.

**Professor Nilo Garcia**

Aplaudindo a relatora pelas indicações dadas à renovação do estudo da História do Brasil, considera necessário fugir do tradicionalismo.

### **3. RESPOSTAS AS EXPOSIÇÕES**

**Ao Professor Helio Viana**

Considera que há entre ela e o Prof. H. Viana apenas desentendimento de conceitos. Considera ela Taunay um historiador do séc. XIX, e isto, a seu ver, não o diminui, nem diminui o valor da sua obra monumental. Considera que, quando êle corrige os dados cifrados, faz História crítica. Estatística depende do aranje das cifras, sendo o número apenas a matéria prima. Diverge do Prof. H. Viana apenas quanto ao conceito de estatística.

**Ao Professor Padre Emílio Silva**

Responde que os problemas econômicos são considerados como um fenómeno de civilização. Cada época tende a focalizar mais um problema; hoje os historiadores tendem a fazer mais história econômica, embora haja problemas importantes também no campo da história das idéias. Focalizar e tratar dados econômicos não significa fazer história marxista, que tem seu método próprio.

**Ao Professor J. Amaral Lapa**

Concorda com o Prof Lapa quanto à importância do uso de uma terminologia exata em história.

**Ao Professor Francisco Iglésias**

Concorda indicando que o estudo da História Contemporânea traz o problema da mobilização de outros tipos de fontes que exigem treinamento especial para seu uso. Sobre o auxílio de outras ciências para o estudo da História do Brasil, como a estatística, lembrou que não pretendeu esgotar o assunto, devendo a matéria ser estudada noutra mesa-redonda. Acha necessário insistir junto das autoridades para obter apoio para o trabalho histórico, embora o progresso realizado nesse campo seja grande.

**Ao Professor Guy de Holanda**

Afirma que não tratou do problema das matérias auxiliares, por isso não cuidou das disciplinas indicadas pelo professor.

**Ao Professor Padre Júlio Lopes**

Lamenta não ter insistido na importância dos arquivos paroquiais, sendo a importância deles realmente grande.

Quanto ao problema da distribuição dos seminários, considera que deve ser resolvido dentro dos Departamentos, com espírito de cooperação.

**A Professora Olga Pantaleão**

Concorda com a importância da História Contemporânea.

**A Professora Cecília M. Westphalen**

Lembra a relatora que foi justamente a Profa. Cecília Westphalen quem, na reunião da equipe, levantou o problema da história integral.

Quanto à utilização dos métodos antropológicos ou dos de outras ciências na História, a relatora só tem a dizer que cada ciência tem métodos próprios, específicos. O uso de método de outras ciências deve ser feito com muito cuidado .

**Ao Professor R. Román Blanco**

A necessidade do estudo das instituições depende de como encaramos a problemática, ou seja o que tomamos como centro dos problemas a serem estudados.

Ao falar de bandeiras a relatora quis dar um exemplo da evolução da historiografia e mostrar como o método histórico tinha evoluído (História dos Historiadores). Não pretendeu tratar propriamente do tema. Deixou de falar na paleografia, não porque não a julgasse importante, mas porque não devia tratar de matérias auxiliares.

#### **Ao Professor Camilo Alvim**

Concorda com o Prof. Alvim quanto ao fato de que devemos reivindicar a História como objeto próprio de estudo para os historiadores.

#### **Ao Professor José Ernesto Ballstaedt**

A relatora compreende a posição do Prof. Ballstaedt no que diz respeito à preferência mostrada pelo próprio documento, pois a historiografia hispano-americana não reflete exatamente o que contêm os documentos, mas traz pontos de vista parciais que devem ser corrigidos pela utilização criteriosa da documentação.

#### **Ao Professor Eduardo d'Oliveira França**

Não pretende levantar polêmica em torno do problema da História ser ou não ser ciência. A relatora fica ao lado dos que consideram a História como ciência respeitando, porém, a opinião contrária.

Não vê a contradição apontada pelo Professor entre as suas próprias pesquisas que colocariam o Brasil no centro dos seus estudos e as suas afirmações como relatora. Na sua cadeira, na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, é normal que se dê relêvo à História Brasileira, pois o próprio nome é Cadeira de História Econômica Geral e do Brasil. Quanto ao seu trabalho sobre o Rio da Prata, embora tenha pontos de ligação com a História do Brasil, as conclusões referem-se à História da América Espanhola e os materiais procedem dos arquivos espanhóis e hispano-americanos.

#### **Ao Professor Othelo Laurent**

Responde dizendo que ao fazer o seu trabalho tinha em vista o objeto da História e como esse objeto deve influir na

formação do professor. Objetivamos dar aos estudantes um equipamento mental suficiente de uso, com o qual possam posteriormente produzir boa História e ser bons professores de História; porém, não há receita pronta para fazer um bom professor.

#### **A Professora Madre M. Angela**

Concorda com a Madre M. Angela que não é a História do Brasil como tal mas sim os trabalhos dos historiadores ou a escola dos historiadores brasileiros que devem projetar-se.

### **4. ÚLTIMAS INTERVENÇÕES**

#### **I. Sobre os estudos de História comparativa e posição do estudo da História do Brasil.**

##### **1. Professor J. A. Lapa**

Considera insuficiente o estudo das Instituições Ibéricas como único meio para combater a limitação da História da América e do Brasil em compartimentos estanques. Sugere maior intercâmbio de técnicas e métodos. Cita o exemplo dado pela Faculdade de la Plata onde se faz estudo comparativo das instituições da América colonial Espanhola e Portuguesa.

##### **2. Professor Sérgio Buarque de Holanda**

Considera o isolamento da História do Brasil que não deveria ficar fechada aos outros cientistas, como também uma falsa valorização dela, que a colocaria como um sol em torno do qual girariam planetinhas. Concorda em que a História do Brasil é parte da História Moderna, mas cada uma dessas disciplinas tem sua matéria própria, da qual o método não pode ficar independente.

##### **3. Professor Eduardo d'Oliveira França**

Contestando o Prof. Sérgio B. de Holanda, encontra uma contradição entre duas de suas afirmações, a primeira que rejeita a idéia de que a História seja reservada para o historia-

dor, a segunda que frisa a especificidade da História do Brasil tendo em vista matéria própria com método próprio..

Se abrisse o campo da História do Brasil para sociólogos, antropólogos, etc., deveria abri-lo também para os historiadores de outras cátedras.

#### **4. Professor Padre Emílio Silva**

Acha que a História Americana deve ser entrosada com a História da Península Ibérica.

### **II. Sôbre o entrosamento entre História e as demais ciências sociais.**

Sôbre o interêsse de um maior entrosamento entre a História e as demais Ciências Sociais, manifestaram-se a favor os Profs. Maria Yedda L. Linhares, Cecília M. Westphalen e José Olegário Ribeiro de Castro. Sugeriram que o Simpósio levasse em conta a necessidade de um maior entrosamento entre a História e os Cursos de Ciências Sociais.

### **III. Propostas concretas em torno de possibilidades bibliográficas.**

O Prof. Guy de Holanda propõe uma análise dos fascículos sôbre História Americana, publicados pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História, especialmente os itens referentes à História do Brasil.

O Padre Emílio Silva propõe uma Biblioteca Ibero-Americana ou Sala Ibero-Americana na Biblioteca Nacional ou na Universidade do Brasil. (vide moção 11).

### **IV. Sôbre o problema da reforma universitária**

O Prof. Amaral Lapa, respondendo ao Prof. Alvim, opina que, embora a reforma universitária esteja na ordem do dia, não é o caso de se tratar dela aqui, devendo nós cuidar em primeiro lugar dos problemas do ensino da História.

**V. “História para historiadores”.**

O problema surgiu com uma intervenção da Profa. Maria Conceição Martins Ribeiro, que reivindicou o princípio de que a História deve ser feita por historiadores.

O Prof. Sérgio B. de Holanda, porém, achou que os pesquisadores em outros campos, tais como Antropologia e Sociologia poderia também fazê-la (vide supra).

A Professora Alice Cannabrava lembra que a portaria 478 de 8 de junho de 1954 permite que licenciados em outros cursos lecionem História, quando o ensino da História deveria ficar para os formados em História. (vide moção 10).

**VI. Sobre a importância dos fatores econômico e espiritual.**

A Professora Emília Tereza Alvares Ribeiro opina que não se pode propor separadamente um fator como determinante, exemplificando com as Cruzadas, nas quais o fator espiritual é inegável, porém não exclusivo.

O Padre Luis Palacin considera que de um prisma parcial chega-se ao conhecimento total, de modo que não se pode condenar o historiador por encarar os acontecimentos por um único prisma.